



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

00786 - 08.04  
CODEC 90 6

DATA: 04.07.90

REQUERENTE: COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO EST/  
CPHAE

LOCALIDADE: PORTO ALEGRE

ASSUNTO: SOLICITAÇÃO DE TOMBAMENTO DO TEATRO POLITEAMA ESPERANÇA,  
em JAGUARÃO.

ESPERANÇA



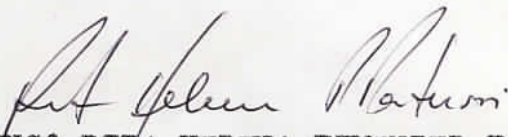
Memo nº 22/90-CPHAE

Porto Alegre, 2 de julho de 1990

Senhor Secretário

Encaminhamos o material anexo referente ao Teatro Politeama Esperança para que seja aberto processo para o tombamento deste imóvel.

Sem mais,  
Atenciosamente

  
ENG<sup>o</sup> RITA HELENA PIMENTEL PATUSSI  
Coordenadora Interina da CPHAE

PARECER Nº 03/90-CPHAE

Jaguarão é um Município cuja trajetória está intimamente vinculada à ocupação e defesa do território Nacional.

Pelo fato de estar na divisa com o Uruguai, recebeu muita influência da cultura Hispânica, além de ser ligação entre capitais: Rio de Janeiro e Montevideú.

Sua economia agropecuária contribuiu efetivamente no nível sócio-econômico e cultural da região, fazendo com que o Município se transforma-se em polo de atividades diversas,

Consequência natural foi a construção do Teatro Politeama Esperança. Após sua inauguração, em janeiro de 1897, passou a fazer parte do calendário da famosas companhias, nacionais e estrangeiras, que faziam parte do roteiro Rio-Montevideú.

O espaço permitia apresentações circenses; para tanto, removiam-se as cadeiras e o piso da plateia e esta se transformava em picadeiro.

Na década de 50 sofreu reformas para que pudesse ser utilizado como cinema: seus camarotes foram removidos; instalaram-se cadeiras fixas na plateia e nas duas primeiras galeias; foi construída uma sala de projeção e instalada uma tela; entre outras.

A descaracterização ocorrida com as alterações, não chegaram a comprometer totalmente a sala de espetáculo, embora tenha perdido seu refinamento original.

Sua proprietária, SOJAL- Sociedade Comércio Imobiliária de Jaguarão Ltda, faz a conservação do imóvel, embora esteja praticamente desativado.

Localizado no centro da cidade, Av. 27 de Janeiro, duas quadras da Pç. Alcidas Marques e uma da Prefeitura Municipal, o Teatro Esperança tem íntima ligação com o desenvolvimento cultural de Jaguarão, com sua história, além de ser forte referencial urbano e afetivo.

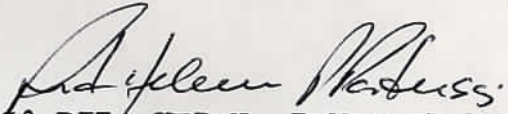
Considere-se seu entorno a área limitada pelo seguinte perímetro:

- VÉRTICE I: Formado pelo encontro do eixo da rua Barão do Rio Branco e o eixo das quadras entre as ruas Júlio de Castilhos e 15 de Novembro, seguindo à NE, pelo eixo da rua Barão do Rio Branco, até o vértice II;
- VÉRTICE II: formado pelo encontro do eixo da rua ~~Joaquim Caetano~~ e o eixo das quadras entre as ruas Mal Deodoro e dos Andradas, seguindo à NO, pelo eixo das quadras até o vértice II;
- VÉRTICE III: formado pelo eixo das quadras entre as ruas Mal. Deodoro e dos Andradas e o eixo da rua Cel. de Deus Dias, seguindo à SO, pelo eixo da rua Cel de Deus Dias, até o vértice IV;
- VÉRTICE IV: formado pelo eixo da rua Cel de Deus Dias e o eixo das quadras entre as ruas Júlio de Castilhos e 15 de Novembro, seguindo à SE, pelo eixo das quadras, até o vértice I.

Qualquer intervenção nas edificações dentro deste perímetro dentro deste perímetro ficam, também, sujeitas a regulamentação do parcelamento e uso do solo, a ser inserida no plano diretor. Enquanto esta regulamentação não estiver concluída cada caso será analisado particularmente.

Assim sendo, somos favoráveis ao tombamento do prédio do Teatro Politeama Esperança.

Porto Alegre, junho de 1990

  
ENG<sup>o</sup> RITA HELENA PEMENTEL PATUSSI  
Coordenadora Interina da CPHAE  
CREA 51970-D



**LAUDO DE VISTORIA****DENOMINAÇÃO:** TEATRO POLYTEAMA ESPERANÇA**ENDEREÇO:** Av. 27 de Janeiro**MUNICÍPIO:** JAGUARÃO**DISTRITO:****SEDE:****CEP:** 96 300

**01. COBERTURA:** Cx. Palco e Platéia: 2 águas, telha colonial, estr. com guarda-pó: estrutura possante em boas condições, 80% original, com problemas pontuais. Acesso à estrutura fácil e seguro.

- Caixa de acesso - 4 águas, em fibrocimento ondulada.

**02. PAREDES:** Alvenaria de tijolo, com argamassa e reboco de cal. Há manchas de umidade junto as calhas, está provocando desagregação do reboco. Na platéia é revestida por lambri. No sanitário feminino: 1/2 parede revestida em escaiola.

**03. PISO:** Hall, ladrilho hidráulico com motivo decorativo formando um quadrado. Sanitários: com ladrilhos hidráulicos. Palco, platéia, galerias e secretaria em taboa corrida.

**04. FORRO:** Hall, galerias, sanitários e secretaria - macho-fêmea - há problemas em pontos isolados.

Platéia: forro em estuque (ripado + argamassa) pintura decorativa. No centro um círculo que sustenta o lustre. Estruturado em madeira, é movel. Há manchas de umidade, aparentemente não há problemas estruturais.

**05. PORTAS:** Internas: hall - com várias folhas, madeira e vidro jateado, com baixo relevo, motivos em art-decot. Outras com uma folha, em madeira.

Externas: frontais em madeira almofadada, com vidro e grade, distribuídas simetricamente; central - 4 folhas com bandeira retangular, vidros coloridos; lateral - 2 folhas, com bandeira, seguida pela bilheteria e, por último, uma com duas folhas e bandeira de vidro em arco pleno. Portas laterais e post em madeira com 2 folhas. Havia porta frontal com balcão entre 2ª/3ª gal. Trans.

**06. JANELAS:** Nota-se que vários vãos foram alterados. No nível do palco e da 3ª galeria, na caixa cênica, há janelas com 4 folhas, 2 em vidro e 2 escuros. Nas laterais há básculas nas galerias, circulares e retangulares, com vedação em chapas de ferro, podem ter sido alteradas. Em cada camarim, nos dois níveis, há óculos com fechamento em grade de ferro.

**07. FUNDAÇÕES:** Desconhecida.

**09. ESCADAS:**

Nas galerias:escada em madeira com peitoril vazado.  
Uma em cada lado.

**09. ELEVADORES/MONTACARGAS:**

**10. BALCÕES/SACADAS:** Ainda há um balcão de ferro, no nível da 2ª galeria.  
Três galerias: 1ª e 2ª com peitoril em ferro e corrimão de madeira;  
3ª galeria: peitoril de madeira com relevos losangulares.

**11. LAREIRAS / CHURRASQUEIRAS:****12. CANTINA:**

**13. SERRALHARIA:** Galerias-peitoria da 1ª e 2ª galerias, com corrimão em madeira.  
- Nas luminárias externas, tipo mão-francesa, artesoados.  
- lustre central, tendência art-decot.  
- balcão na 2ª galeria.

**14. TALHA:**

**15. PINTURA DECORATIVA:** No estuque do forro da platéia.

**16. VITRAS:** - Vidros nas portas do hall, jateados com brasão (?)  
- bandeira da porta principal em vidros coloridos.

**17. REDE PLUVIAL:** - Externa, em péssimo estado, obstruída por entulho e vegetação. Parte das calhas e dos tubos de queda foram perdidos nestes pontos internamente, é onde se percebe maior deterioração na alvenaria.

**18. INSTALAÇÕES HIDRO-SANITÁRIAS:** As instalações sanitárias estão em situação regular no sanitário feminino - o masculino está desativado.  
- Junto ao palco há apenas pias, em estado regular.

**LAUDO DE VISTORIA**

**19. INSTALAÇÃO ELÉTRICA:** Parte embutida, parte aparente, em estado regular, nas galerias existem pontos de luz. O lustre central é original mas perdeu as "tulipas" das lâmpadas. A iluminação do palco é precária. No hall, secretaria e sanitário ainda em funcionamento.

**20. PREVENÇÃO CONTRA INCÊNDIO:** Não há.

**21. INSTALAÇÃO TELEFÔNICA / CONDICIONAMENTO AMBIENTAL:**

Existe uma excelente ventilação natural.

**22. ADEQUAÇÃO DE USO / MOBILIÁRIO:** Originalmente foi teatro; havia camarotes nas galerias, cadeiras isoladas e móveis. Na década de 50 foi reformado para o uso de cinema. Houve a remoção dos camarotes e as cadeiras passaram a ser fixas. Foi construída uma sala de projeção e instalada tela de projeção hoje em péssimas condições. Outras alterações a serem confirmadas mas, ainda mantém, do original, um percentual significativo.

**23. ABENCIAMENTO PAISAGÍSTICO:** Não há.

**24. PRÉDIOS ANEXOS:** Não há.

**25. ENTORNO / AMBIÊNCIA:** O entorno mantém-se heterogêneo de época, mas sem descaracterização significativa.

É um prédio que se destaca por seu volume.

**26. OBSERVAÇÕES** Possui frontão escalonado, com relevos em massa e identificação (nome) no volume menor na caixa da plateia e palco, o oitavo tem tratamento de frontão, em arco abatido, embora sem ornamento, com dois óculos.

- 27. INTERVENÇÕES PRIORITÁRIAS:** Estrutura-auto portante, em alvenaria de tijolo de caixa externa.
- Galerias estruturadas por pilares de ferro aprox.3" e barroteamento de madeira.
  - No palco há dois níveis de camarins, num total a proximado de 10, em madeira (estrutura e fechamento)
  - Sob o palco há um compartimento utilizado para certos espetáculos, com pé direito aprox.de 200m, hoje em desuso e com entulhos.
  - Segundo informações o tablado da platéia era móvel e ali se instalavam picadeiros de circos que vinham à cidade.
  - Acesso ao palco, pela platéia, por uma escada que não deve ser original.
  - Sala de projeção ainda tem duas máquinas danificadas e um gerador.
  - Os camarotes das galerias eram divididos por "peitoril" de madeira, semelhante ao Teatro 7 de Abril, de Pelotas.
  - O pano de boca originalmente era movimentado verticalmente.
  - Hoje praticamente não é utilizado.

- .interv.priorit.
- .cobertura:revisão no ripamento e guarda-pó.
- .fixação das telhas por ganchos de cobre.
- .alvenarias:lixamento e pintura
- .revisão nas aberturas
- .revisão na caixa cênica
- .revisão no piso e forro
- .revisão na est.das galerias
- .fazer toda rede pluvial
- .revisão elétrica e hidro-sanitária.

CONSTRUTOR - MARTINHO DE OLIVEIRA BRAGA  
 PROPR. - SOCIAL - SOCIEDADE COMERCIAL IMOBIL. SAGUAPÃO

**28. CONTATO:**

Eng.DIONÍSIO COLVATA

LTDA

RESPONSÁVEL TÉCNICO: RITA HELENA PIMENTEL PATUSSI

ASS.: *Rita Helena Patussi* CARGO: Eng.Civil CREA Nº: 51970D

END: Coord.Patrimônio Histórico e Artístico do Estado

Av.Júlio de Castilhos, 352/1º andar

DATA: 26/3/90

FL.07-V

CPHAE

Proc. nº 00786 - 08.04

Fl. 8 CODEC 90 6

SÍNULA DO HISTÓRICO DA CIDADE  
RETRADA DO TRABALHO FEITO POR  
ESTUDANTES DE ARQUITETURA DA  
UFPEL - PELOTAS  
INTRODUÇÃO

Surto de Comunicações/SEC  
47069/86  
5 6

em

No presente trabalho apresentamos o levantamento e a análise do Mercado Público de Jaguarão. Para isto, usamos a metodologia de Marina Waismann, não dividida em tipologias (estrutural, formal, relação obra-entorno, funcional e modo de emprego da tecnologia ambiental), mas sim abordamos todas as tipologias de uma maneira global.

Certos de que o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual, tentamos sempre que possível relacionar o Mercado com a sociedade que lhe correspondeu.

Nossa maior dificuldade foi de encontrar material, bem como a falta de maior contato com Jaguarão e seu Mercado. Para facilitar a sua compreensão, dividimos o trabalho em tres partes principais: o histórico da cidade, do mercado e por fim a análise.

### HISTÓRIA DA CIDADE

Em 02 de março de 1801, a Espanha, por pressão de Napoleão Bonaparte, declarou guerra a Portugal. Esta pequena guerra durou até 06 de junho de mesmo ano, porém a notícia da guerra só chegou até a Vila de Rio Grande em 15 de junho de 1801.

"Essa demora nas comunicações se transformou em motivo para uma decisiva expansão dos domínios portugueses no sul do Brasil. E foi em 1801, que a configuração geográfica do Rio Grande do Sul foi definida, com a conquista das missões, e aumentando a fronteira oeste do estado, atingindo os "campos neutrais" entre Taim e Chuí, e a divisa de Jaguarão. Houve um grande interesse por todos pela expansão do território.

O governador da capitania, Sebastião Xavier Veiga Cabral da Câmara, mesmo sem ordem do Vice Rei do Rio de Janeiro, tomou providências para reunir tropas e para aproximarem-se da fronteira, para defenderem-se da nação vizinha, "entretanto foi

puxando à raia todas as forças disponíveis. Os Espanhóis avisando-os, preocupados e com pânico, desampararam as guardas avançadas de Santa Rosa, Santo Antônio, reunindo-se em Serro Largo, largaram todas as vertentes da Lagoa Mirim, com uma graciosa extensão de território, ficando cobertos nossos estabelecimentos com o Rio Jaguarão.

Ficou notícias detalhadas de dois combates, o primeiro a 05 de outubro e o segundo a 17 de outubro de 1801, ambos na vizinhança do "Passo do Perdiz", cuja localização exata não se sabe, trata-se de uma região de relevo acidentado, havendo uma "Serra" a uma légua e meia do passo. Pode ser onde hoje corresponde ao Uruguai, um arroio entre o Alto Jaguarão e Melo. Outros estudos dizem que a marcha se desenvolveu a partir do Herval e do Jaguarão Chico.

O primeiro combate, o de 05 de outubro, foi sob o comando do capitão Antônio Rodrigues Barbosa, que comandava paulistas e curitibanos. O segundo combate, a 17 de outubro, foi mais rumoroso e sangrento que o primeiro, envolvendo 160 espanhóis e 200 portugueses.

Bem sucedido o coronel Marques de Souza avançou para Serro Largo, hoje Melo, forçando defensores da praça a abandoná-la a 30 de outubro. Foi uma rápida campanha, como todas as outras que ocorreram ao longo da fronteira.

Quase todos os oficiais que participaram dos combates, vieram a ser donos das terras disputadas. Como Antônio Rodrigues Barbosa, da sesmaria entre Arroio Grande e a sepultura do Lima. Jerônimo Xavier de Azambuja, sesmaria no Herval e Hipólito do Couto Brandão, que será um dos primeiros povoadores de Jaguarão. (O remate do triunfo deu-se a conquista de Serro Largo a 30 de outubro).

O coronel Marques de Souza, voltou para Rio Grande, sede de seu comando, deixando em seu lugar o tenente coronel Manuel Xavier de Paiva. O coronel não permitiu violência no povoado, mas permitiu o saque de gado até o Jaguarão, mais de 10.000 reses foram capturadas. Mas o destacamento não permaneceu por muito tempo em Melo.

Com a morte do governador assumiu o Brigadeiro Francisco João Roscio, este para proteger o território conquistado, instalou acampamentos militares ao norte das margens do Rio Ja -

guarãõ. Foi anunciada a paz entre Portugal e Espanha. O coronel Marques de Souza foi intimado a devolver o território, mas ele na linha de Jaguarãõ.

Até dezembro de 1801, Serrito ainda não estava sob a guarda de Portugal. Em 21 de dezembro Marques de Souza mantinha-se acampado junto ao Jaguarãõ Chico, mantendo-se inalteradas a guarda das terras, por ordem do governador. Mas era difícil manter os soldados em guarda. A tropa já estava em más condições, aumentando o número de doentes, sem medicamentos. Pediu então para o governador para acampar na barra do Jaguarãõ, onde podia vir um iate para trazer mantimentos e remédios.

Vê-se então o fator decisivo foi a comunicação com Rio Grande, a via navegavel, passaram então do Jaguarãõ Chico para um lugar mais próximo à barra. Não se sabe se a guarda permanente se instalou no lugar, mas foi iniciado o quartel ou "casa de residência" da guarda do Serrito, em 1802, no local onde hoje é Jaguarãõ.

No fim de 1801 havia paz na fronteira de Jaguarãõ. O Marquês Dom Rafael de Sobremonte, que mais tarde defendeu Buenos Aires, aceitou a cessação de hostilidades sem passar a linha do Jaguarãõ. Houve um tratado informal para serem mantidas as forças que guardavam as divisas. Esta defesa para a linha de Jaguarãõ trouxe forças à fronteira. Os paisanos armados vieram de mais diversos lugares, inclusive de Porto Alegre, vieram sob o comando do capitão José Joaquim de Oliveira.

As companhias ficaram instaladas no acampamento do Jaguarãõ Chico. Com o acerto do espanhol Sobremonte, sobre o equilíbrio das tropas, foram autorizadas a retirar-se. As tropas ficaram num total de cinco companhias e o coronel Marques de Souza fixou-se no lugar denominado "Serrito" na costa da lagoa.

"Já participei a V.Sa. a tensão em que estava de fazer mudar este acampamento do lugar denominado Serrito, para parte da lagoa, procurando outras comunidades a tropa que aqui tem, cujo plano pretendo por em prática a 04 de fevereiro!"

O estabelecimento da guarda do Serrito data de 04 a 10 de dezembro de 1802. A população inicial de Serrito era de 260 homens, era uma tropa que a vários meses passara acampada constantemente para combates.

O coronel Marques de Souza permaneceu na guarda do Serrito

até maio de 1802. Esta passa a ser permanente, sob o comando do Sargento Major Vasco Pinto Bandeira.

Já se rezava missa nessa ocasião, inclusive para os espanhóis do outro lado do rio, pois as relações permaneceram amistosas, é que os soldados vinham a nascente comprar fumo.

Em 1822 o então sargento major Bento Gonçalves da Silva "cheio de poderes e prestígio", resolveu simplesmente que que-ria para si toda a área da Praça do Desembarque, ou da Mari-nha. Porém os líderes da comunidade se posicionaram contra esta medida, pois pretendiam uma partilha da área entre os numerosos pretendentes do terreno, entretanto a ganância de terrenos não prevaleceu, sendo o local mantido sob os domí-nios públicos, e mais adiante sendo o mercado ali construído.

A primeira notícia que temos sobre o mercado é de 1856, quando a câmara enviava ao governo diversos planos de melho-ramentos da cidade, projetados por uma comissão de engenhei-ros que ali se encontrava. Dentre esses melhoramentos consta-va o desenho e o orçamento da obra do cais (frente a praça da marinha), o desenho e o orçamento para uma praça do Mer-cado, apropriado as necessidades da povoação, e um novo or-çamento para a construção da cadeia.

Em 1859 a câmara foi autorizada para edificar o Mercado e contrair um empréstimo de vinte contos de réis, para a re-ferida obra. Porém, apenas em 1863, a comunidade volta a fa-lar em construir Mercado, novamente a câmara pede permissão para a construção: "pede a aprovação do contrato feito para a construção de duas faces da referida obra, no valor de trinta e seis contos de réis, visto o orçamento da obra aca-bada, ser de 13.083\$310 conforme planta anteriormente levan-tada".

Azevedo Torres seria o responsável pela edificação do Mer-cado, porém ainda em 1863, por instrução da presidência da província, a câmara chama a uma concorrência, apresentando-se dois concorrentes: Polidoro Antônio da Costa (por rs 31.800\$) e Estevám Ginot (por 31.000\$000). Azevedo Torres reclamou da decisão, porém nada adiantou, ficando como arrendatário Poli-doro Antônio, sendo contratado em 19 de janeiro de 1864 pela quantia de rs. 34.000\$000, em prestações de cinco contos de réis semestralmente.

Em 1867, foram concluídas as obras do Mercado, e desde 1<sup>a</sup> de junho do mesmo ano já estavam sendo alugadas as lojas. O mercado foi inaugurado em 10 de julho de 1867. No mesmo ano foram também as obras de melhoramentos do matadouro, que viria a ser o principal fornecedor de carne para o mercado.

" Na antiga Praça da Marinha, hoje Paysandú, no Porto, fica a usina elétrica e o excelente mercado de alvenaria em condições de hygiene, onde figuram a carne, vinda do matadouro em quartos, com rigoroso asseio e saborosas fructas nas inúmeras bancas dos hortaleiros".

Em 1920, sob administração do coronel Frederico Rache, o Mercado sofreu uma grande reforma. Nessa reforma foram retiradas as grades que existiam sobre o muro e que segundo comentários foram colocadas no Cemitério das Irmandades e em casas de famílias. Deve ser na mesma reforma que foi demolida uma das escadas de acesso ao prédio - a escada lateral direita, pela rua 15 de novembro- escada que já estava em ruínas.

Segundo Antônio Carlos de Oliveira ( funcionário de mercado quando tinha 13 anos, atualmente com mais de 80 anos), o muro onde existiam grades foi levantado meio metro, devido ao vento.

OBS: O Coronel Frederico Rache era proprietário de casas de comércio na zona do porto- Rache , Leite e Cia.- e de uma companhia de vapores ( Colombo e América ).

#### MERCADO MUNICIPAL ( 1922 )

Data de sua construção 1864 e que só foi concluído em julho de 1867, franqueado ao público no dia 10 do mesmo mês, ultimamente na administração do Coronel Frederico Rache passou por importante reforma, é um prédio de sólida construção de alvenaria, pertence ao patrimônio do município avaliado em mais de 80.000.000 de réis.

Os quartos estão ocupados por diversas bancas e açougues:

- quartos nº 9 e 10 - marchantes José Faustino Brum - Magarefe ou cortador, Diogo Feijó.
- quartos nº 11 e 12 - marchante Clodomiro Ferreira ; Magarefe ou cortador João Antônio Ferreira.
- quartos nº 15 e 16 - Marchante Thomaz A. de Mattos- Magarefe ou cortador João Cardoso.
- os quartos nº 2, 4, 6, 1, 3, 5, e 7 são ocupados com botequim e uma loja de propriedade de Jorge Gazalle.

# Informações

## Praças

## RUAS

13 de Maio (principal), defronte a Igreja Matriz.  
 Paysandú, defronte ao Mercado.  
 Bento Gonçalves, defronte a Cadeia.  
 da Caridade, defronte a Santa Casa de Caridade.  
 Tiradentes, antiga das Feiras  
 Commendador Azevedo, ao Quartel do 9º Regimento  
 das Carretas, no caminho do Prado Jaguarense

Oeste a Leste

Denominação antiga	Denominação presente
Fernandes Vieira	
Maurity	
Lima Barros	
Uruguayana	
Julio da Castilhos	
15 de Novembro	
27 de Janeiro	
General Ozorio	
General Deodoro	
Andradas	
General Camara	
Riachuelo	
Curuzú	
General Caxias	
General Bento Martins	
Amazons	
Curupaty	
Liberdade	

Norte a Sul

Denominação antiga	Denominação presente
20 de Setembro	
General Marques	
Dr. Carlos Barbosa	
Antenatio	
Andrade Neves	
General Barros	
General Pelfim	
3 de Novembro	
General Menna Barreto	
Aquidabam	
24 de Maio	
7 de Abril	
Venancio Ayres	
Independencia	
Pez	
Humayta	
Christião Colombo	
Floriano Peixoto	

## Patrimonio do Municipio

O patrimonio do municipio está assim avaliado:

Edificio onde funcionam as Repartições Municipais	100:000\$000
Mercado	80:000\$000
Terrenos do Matadouro e instalações	50:000\$000
Cadeia civil, contrafeitos e terreno contiguo	35:000\$000
Predio a rua Riachuelo N.º 3	3:000\$000
Campo e Sub-intendencia do 2º Districto	20:000\$000
Edificio da Escola Municipal do 2º districto	4:000\$000
Material naval do passe da cidade	5:000\$000
Material da Limpeza publica	5:000\$000
Casa de moradia do encarregado do Cemitario e galpões	10:000\$000
Terrenos não aforados	50:000\$000
Terrenos aforados. Estes terrenos são em numero de 2.039, sendo 1.625 urbanos e 414 sub-urbanos ou ruraes e devem ser estimado em 1.300:000\$000, segundo calculos merecedores de fé.	
Mas, como a taxa media que lhes correspondem nos ultimos 3 annos foi de 11:600\$000, é razoavel consideral-a como sendo o rendimento de um anno de certo capital que, ao juro de 7%, deve ser avaliado em	158:000\$000
Divida activa cobravel	5:000\$000
Dinheiro em caixa e em deposito	32:000\$000
<b>Somma Rs.</b>	<b>557:000\$000</b>

Extrahido do Relatório Municipal de 1921.

Apontamentos para uma Monographia de Jaguarão

NOTE-SE QUE NA MONOGRAFIA A ORIENTAÇÃO DAS RUAS ESTÁ INVERTIDA

CPHAE

Proc. nº 00786 - 08.04

Fl. 14 CODEC 90 6

Serviço de Comunicações/SEC

Proc. nº 47069/86

12

6

EM DESTAQUE VÊ-SE O MERCADO MUNICIPAL

MAIS ANTIGA AQUARELA QUE SE CONHECE DE JAGUARÃO - (16-01-1880)



Jaguarão

PORTARIA Nº 06/90

O SECRETÁRIO EXECUTIVO DO CONSELHO ESTADUAL DE DESENVOLVIMENTO CULTURAL, no uso de suas atribuições:

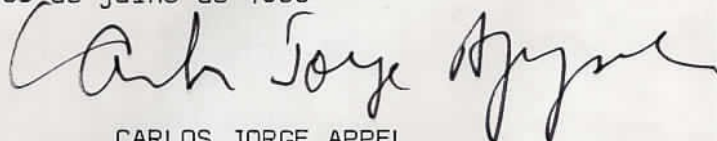
- Considerando os termos constantes na Constituição do Estado do Rio Grande do Sul Art. 221, inc.V, "d"; Art. 222 caput, § 1º e Segs;
- Considerando os termos da Lei Estadual Nº 7231, de dezembro de 1978;
- Considerando a necessidade de preservar o Patrimônio Cultural do Estado.

RESOLVE:

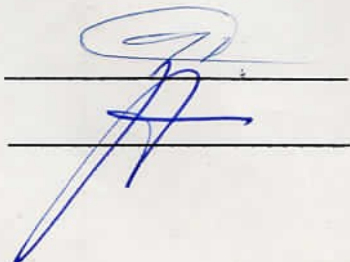
Tombar o prédio do Teatro Politeama localizado na av. 27 de janeiro, no centro da cidade de Jaguarão. Ficando resguardado o seu entorno de acordo com as características de localização do bem tombado. Prédio de propriedade de SOJAL- Sociedade de Comércio Imobiliário de Jaguarão LTDA. Nos termos do Art. 1º da Lei Estadual Nº 7231, de 18 de dezembro de 1978, combinado com o Decreto-Lei Federal nº 25 de 30 de novembro de 1937.

Publique-se no Diário Oficial do Estado, ratifique-se e registre-se no Livro Tombo da Coordenadoria do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. Notifique-se o proprietário e promova-se a averbação no Registro de Imóveis pertinente.

Porto Alegre, 05 de julho de 1990



CARLOS JORGE APPEL  
SECRETÁRIO EXECUTIVO DO CONSELHO  
ESTADUAL DE DESENVOLVIMENTO CULTURAL



Manoel Andre da Rocha  
Chefe da Casa Civil

MANOEL ANDRE DA ROCHA  
Chefe da Casa Civil

PORTARIA Nº 06/90

O SECRETÁRIO EXECUTIVO DO CONSELHO ESTADUAL DE DESENVOLVIMENTO CULTURAL, no uso de suas atribuições:

- Considerando os termos constantes na Constituição do Estado do Rio Grande do Sul Art. 221, Inc. V, "d"; Art. 222 caput, § 1º e Segs;
- Considerando os termos da Lei Estadual nº 7231, de dezembro de 1978;
- Considerando a necessidade de preservar o Patrimônio Cultural do Estado.

RESOLVE

Tombar o prédio do Teatro Politeama localizado na Av. 27 de Janeiro, no Centro da Cidade de Jaguarão. Ficando resguardado o seu entorno de acordo com as características de localização do bem tombado. Prédio de propriedade de SOCIAL - Sociedade de Comercio Imobiliario de Jaguarão Ltda. Nos termos do Art. 1º da Lei Estadual nº 7231, de 18 de dezembro de 1978, combinado com o Decreto-Lei Federal nº 25 de 30 de novembro de 1937.

Publique-se no Diário Oficial do Estado, registre-se e registre-se no Livro Tombo da Coordenadoria do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. Notifique-se o proprietário e promova-se a averbação no Registro de Imóveis pertinente.  
Porto Alegre, 05 de julho de 1990.

CARLOS JORGE APPEL  
Secretário Executivo do Conselho Estadual de Desenvolvimento Cultural

PORTARIA Nº 07/90

O SECRETÁRIO EXECUTIVO DO CONSELHO ESTADUAL DE DESENVOLVIMENTO CULTURAL, no uso de suas atribuições:

- Considerando os termos constantes na Constituição Estadual do Rio Grande do Sul, Art. 221, Inc. V, "d"; Art. 222, caput, § 1º e Segs;

- Considerando os termos da Lei Estadual nº 7231, de 18 de dezembro de 1978;
- Considerando a necessidade de preservar o Patrimônio Cultural do Estado;

RESOLVE

Tombar o Mercado Público Municipal, localizado no Distrito sede do Município de Jaguarão, na Rua Gen. Marques, s/nº, de propriedade da Prefeitura Municipal de Jaguarão. Ficando resguardado seu entorno de acordo com as características de localização do prédio tombado, nos termos do Art. 1º da Lei Estadual nº 7231, de dezembro de 1978, combinado com o Decreto-Lei Federal nº 25, de 30 de novembro de 1937.

Publique-se no Diário Oficial do Estado, registre-se e registre-se no Livro Tombo da Coordenadoria do Patrimônio Cultural do Estado, notifique-se o proprietário e promova-se a averbação no Registro de Imóveis pertinente.  
Porto Alegre, 06 de julho de 1990.

CARLOS JORGE APPEL  
Secretário Executivo do Conselho Estadual de Desenvolvimento Cultural

Testemunhas:  
(aa) Ilegíveis.

PORTARIA 08/90

O SECRETÁRIO EXECUTIVO DO CONSELHO ESTADUAL DE DESENVOLVIMENTO CULTURAL, no uso de suas atribuições:

- Considerando os termos constantes na Constituição do Estado do Rio Grande do Sul, Art. 221, Inc. V, "d"; Art. 222 caput, § 1º e segs;

- Considerando os termos da Lei Estadual nº 7231, de 18 de dezembro de 1978;
- Considerando a necessidade de preservar o Patrimônio Cultural do Estado.

RESOLVE

Tombar a Enfermaria Militar de Jaguarão situada na Rua da Paz com 87,75m, confinada pela direita com a Rua Mauriti com 78,81m e pela esquerda com a Rua Dr. Joao Azevedo com 76,23m e pelos fundos confronta com o terreno da Prefeitura Municipal de Jaguarão com 90,54m, ficando quadrilátero de forma irregular, encerrando área de 6.903m².

Prédio de propriedade da União Federal. Título aquisitivo: Decreto Federal nº 79.999, de 21 de agosto de 1977, de acordo com o livro nº 2 - Registro de Imóveis de Jaguarão, fl. 01, matrícula 1015. Ficando resguardado o seu entorno de acordo com as características de localização do prédio tombado. Nos termos do Art. 1º da Lei Estadual nº 7231, de 18 de dezembro de 1978, combinado com o Decreto-Lei Federal nº 25, de 30 de novembro de 1937 e com o Parecer nº 04/90, da Coordenadoria do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado.

Publique-se no Diário Oficial do Estado, registre-se e registre-se no Livro Tombo da Coordenadoria do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. Notifique-se o proprietário e promova-se a averbação no Registro de Imóveis pertinente. Porto Alegre, 05 de julho de 1990.

CARLOS JORGE APPEL  
Secretário Executivo do Conselho Estadual de Desenvolvimento Cultural

D-216016-4-A-19/Julho

Encaminhe-se ao IPHAE, por já ter cumprido todos os trâmites referente ao ato de tombamento.

Em 20/12/90

Jorge